

Anno 16\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

Escriptorio: 70, Rua do Ouvidor 70.

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 18 DE SETEMBRO DE 1875

N. 314

EXPLICACAO

Agradecemos a oferta de exemplares das seguintes publicacoes:

A' Exma Sra D. Guilhermina de Antabaja Neves - Estreitucao sobre os deveres de cidadania, livro destinado ao estudo da pericia brasileira de ambos os sexes. Parce nos muito proprio para o fim a que se destina.

Ao Sr D. Manuel Fernandes e Soller - Memoria sobre as Obras Publicas do Brasil, original trabalho, traduzido do livro publicado pelo nosso governo, com o titulo O Brasil na Exposicao de 1874.

Ao G. O. Or. do Brazil - O seu Bolotin, numero pertencente ao mes de Agosto.

Ao Sr Jose Maria do Castro - Relatorio da Imperial Sociedade Uniao Beneficente, de que e presidente, e que todos os dias presta novos servicos a seus interessados.

Sr Julio Noronha. - As suas massantissimas poesias tinh-nos servido de modelo; quando em vez algum celebre pedisse-lhe para as ler; e homem que nos dezia se vai para sempre.

Sr M. N. - Está o Sr. casgado, não nos vendemos por tão pouco. Junta ao seu estylo de lentilhas mais alguma coisa, e então... agrade.

A annualidade dos Bispos

Ainda não estamos em nós da surpresa com que recebemos a noticia da annualidade dos bispos rebeldes da fé do paiz.

Quando todos julgavam que o ministerio de Sr. Rio Branco havia precedido na questao religiosa do accordo com a episcopia publica e com a episcopia da corte, em vno ministerio, consular como aquelle, sustentando a mesma bandeira politica, declarar que o ministerio passado havia errado deastruamente, e que a corte reflectido sobre o caso dava o dito por não dito, calculo de joshua aos pés do Saneado Padre, e pedindo-lhe perdoas das suas doutrinas desviadas.

Isto é contraditorio, e politicamente fallando, de uma immoralidade sem qualificação.

Aranjamos as encasuras das caras dos ultramontanos que nos entregam mantidos no absolutismo de Roma. Aranjamos as nossas proprias mancas e digamos a verdade, que nos saíta da consciencia, eoa a virilidade de vnos vnos desesborado para a civilisação e para o futuro, sem se importar com as pequenas miserias politicas que envolvem a nossa patria.

Antes de tudo o Brasil é uma nação da America, nascida para todas as liberdades, e usas que podem assegurar a um paiz todos os progressos da civilisação.

Não é aqui, pois, o terreno mais proprio para cultivar as ferrenhas doutrinas do jesuitismo, eja propaganda vai muito adiantada, e ejos triumphos matam a nossa prosperidade e aliam a nossa mais nobre aspiração.

Diante da attitude do Brasil, que castigava os bispos rebeldes, levantava-se a Europa entusiasticamente, applaudindo-o e aprendendo a'vte grande exemplo a conquistar para si as liberdades que não pôde conseguir no decurso de milites seculos.

Os espiritos encontravam-se do outro lado do atlantico uma luz que os guiava e lhes illuminava o caminho.

Eramos nós, que logicos na nossa missão, havimos levado a liberdade ao Paraguay, terra em que o jesuitismo plantou a arvore do fanatismo e da ignorancia, e que, quando nos julgavam a descaçar sobre os leões do triumpho, fomos reconquerer novas batalhas na conquista da íntegra liberdade das nossas consciencias.

E a Europa começa a sentir por nós um grande respeito e a admirar o nosso valor.

Só o Vaticano nos odia e repella; só a eja odia e repella todo os países que se atrevam com coragens e grande-falma na carreira da civilisação.

hottentotes cobertos de ridiculo, olhando para os destroços do momento, e acovardando-se humilhante poizão as criticas galpadas do mundo que nos observa.

Inte é contristador e humoral. Processar os bispos e prendel-os, collocando-se paiz na attitude de quem diz aos adversarios - havemos de ver quem vence! - e depois, quando elles não tinham ainda colido uma pedregal de terreno, ir entregar-se-lhes á descripção, com as suas encasuradas e com o petroço como um condemnado no patibulo, ou vestido de careca e sambento, com uma condemnada la figurina da inquisição, - é revoltante, é indigno e simplesmente covarde.

Os criminosos sobre os quaes péa uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça podem ser amaldiçoados pelo governo ou pela corte; mas não podem ser perdoados, porque o paiz que no menos tem o direito de dizer em sua defesa perante o mundo e perante a historia: o jesuitismo invalida os apogonios imperiaes e patria com os representantes da santa inquisição emagada as consciencias da povo.

Pôde trizidar ao som de requizes de sinos e de girandolas de foguetes a imprensa ultramontana sobre os nossos craxos, entregando a sua luz pelo poder dos jesuitas á roze corate.

O seu triumpho é modesto, é ingenuo, é muito talvez.

Os S. Bartholomeu manifestam-se agora de modos diferentes, mas os resultados identicos.

A cabeça do turco

Alguns vez teriamos do Jornal de Commercio.

Um mês, antes de ir para a grelha, não apaxa tanta bondade, como o nosso collega grumoso no parlamento das couas, dezimatos ou mil liangas de Sr. Diogo de Vasconcellos! Don-de-lhe com alma o illustre deputado! Dusa em tres ouzas mais, como esta, pica o Jornal de Commercio na impossibilidade de entrar no dique para lhe visitarmos a fund?

O que agrava consideravelmente a magoa da tranda que ella levou, é o ter ainda de a pôr em exposição nas proprias columnas da folha.

O Jornal independente, o incolor, o colosso da Republica da imprensa fluminense concede, por descaozo contos de réis nosmos, dizeio a qualquer se de descompor o robande a luma, sem sequer ter o direito de reservar-se o refrigerio de vir a luma succurrir os saldos do lodo com que o esjam.

Ora, verdade seja dita, a posição do Jornal na questão vertente é por demais critica e embaraçosa; mas se attentarmos a que qualquer desgraçado, que por ali encontramos, se pretava a levar sóas tlo monumentos como aquella, por descaozo mil réis em lugar de descaozo contos, não se pôde deixar de sentir que o papel que o Jornal desempenha é largo e gratificante pago.

Porque, por fim de contas, logo que a grata tem cauzado para entrar em ajuizos de prep pro que não lido de ir ao lombo, tanto faz levar muito pouco, a questão é de ser sobre se paga bem!

E ter paciencia o Jornal de Commercio! Não consenta em allimar a sua liberdade e independencia para outra noza! O descaozo contos de réis vem todos os meses; as sóas de um ano em outro.

Mas, vamos e vamos, o illustre deputado nem sempre foi facho nas suas acras e exculvas comuras.

E por demais conhecido o sestro antigo, e inveterado em todos os Jornais da eloquencia, azezar a imprensa do seculo por ella não elevar o nível moral e intellectual da sociedade, e aburguesando clamar que é a imprensa que deve condizer o pensamento dos contemporaneos, e modular a sociedade a seu bello praxer, como qualquer escriptor clama no maracoe era a figura de um atyzo, ora a de um S. Antonio de Paula.

Tudo isto são puras theorias de visionarios, e que se vem apenas para machar o estylo á feira da eloquencia. A firma e a essencia da litteratura é o reflexo das ideias do seculo em que ella vive, e não é azeza a litteratura que imprime a physiognomia á sociedade de quem recebe o acovilhamento, e de quem depende para se poder sustentar.

O livro e o jornal, não é uma casta; mas sim, uma resultante.

O publico dá o thema e o aliamir ao livro. O escriptor escreve-lhe as variáveis.

A magoa que tanto inflamma a bilis do sobre deputado Diogo de Vasconcellos, é o fructo inevitavel de uma lei de imprensa aversada, incompleta e anachronica que nos regre - é o ponto venozoso onde todos mordem, quer creverendo-a, quer simplesmente lendo-a - é usal que o governo muitas vezes privilegia - que o leitor prefere a tudo - é uma calamidade a que os mais probos não se sabem esquivar - e enfermidade que contamina não só a nós como aos que se nos aproximam.

Deste monumento para o qual grande numero de individuos lança a sua pedralhada, só o Jornal de Commercio lhe come o fructo.

E ali que bate o ponto! Mas perguntamos ao Sr. Vasconcellos: se a nossa propria pressura sobre azezas nos outros Jornaes, recebê-la-hiam de braços abertos?

Parece-nos que sim.

Logo, o Jornal de Commercio encbe as suas columnas de repagantos moftias. - 1º por que se escrevem - 2º por que se lêm - 3º por que a lei as permite e 4º por que ninguém procura outro jornal para esse fim.

Desde que lha uma lei que permite que se encarregue um miseravel qualqure de roobar na cara os vergalhões do apote que deviam corrigir as nossas incoherencias, a expurgação da moftia pelo Jornal de Commercio é um direito incontestavel.

Diz tambem o illustre deputado o Sr. Diogo de Vasconcellos, que não ha por ali ninguém que deva a sua posição social de columnas do Jornal gágar.

Em primeiro lugar parece-nos conveniente ir desde já dizendo que a imprensa não se institui unicamente para servir de paliativo aos pagapagos que querem fazer carreira literaria. Para isso lá têm a camara legislativa.

Em segundo lugar se o Jornal de Commercio não tem formado-jornal illustres nas sciencias e nas letras, - fazem falta de não dizer as qualqure outro jornal novo e tem conseguido.

A Republica? O Globo? O Diario de Rio? A Reforma?

Todos estes têm feito o mesmo; se é que têm feito tanto! Por outro lado o illustre deputado acha verdadeiramente absothico que na mesma folha se imprimam juntos os castos e pufidões discursos dos Srs. deputados e as moftias ratermas de joshua ludo. Basta sobre se muitas vezes no parlamento não tem hucado a linguagem no nível de uma moftia escrita e covarde.

Quando houvez mesmo um abismo insondavel que distanciasse a alia da baixa litteratura, não era por se alizarem sóo o mesmo texto que o estylo fidalgo da camara se descaozitava, mas os arminhos aristocraticos da discussão legislativa se machucavam com a vianhanga da linguagem de burla da arraa miola?

No templo do Deus e no theatro epistolares se sentam os, repando-se de preto, a masculina e a esposa virtuosas - lucrando commerciante e o cavalleiro de industria; e mais assim como a virtude e a honestidade são um leslador que tornam sem praxigo todos os contactos; assim tambem o frio e a dignidade da linguagem da lá de separar um discurso de um representante da nação da moftia de uma registera de mercades.

O Jornal tem muitas e graves culpas, será mesmo uma - lustrera de tubercos; mas é lio, primeiro indagar se a lustrera não tem fornecido azeza a muitas almas polidas, ou se não a'quelle tubercos oncosas não têm despejado o copo.

ARRAJO RIVERO.

O Apostolo e os Lazarillos

Ainda ferido e Apollido porque alguns Jornaes censuram sermão que o nosso Conscripto Dramatico por haver publicado com a zessa Rescatoriana, não ficandando o magifico drama - O Lazarillo - a fim de ser representado.

Nun artigo do seu ultimo numero solta uma grunhidos eioradas, que deve levar a confusão e o desconforto á Actualidade de Lisboa, por isso que lhe diz em tom achavacado e rotundo como o diabo do roedor da primeira das candelas folhas: - Quem usanda em nossa casa somente uio, e cada um que usanda na sua.

Não é necessario ter grande percepção para ver logo que tratamos com joshua é role fange, e que cultivar ainda em



(Antes do artigo)
O porco triste.



Os avaros pedem fôrça de bandidos das
Bancas para de causa realçada. E a banca
pede a fôrça de bandidos para de causa realçada.



A parte avaros que a banca do riso
pede a fôrça de bandidos para de causa realçada
e a banca pede a fôrça de bandidos para de causa realçada.



Compre que a vida não seja
simplesmente o porco.



Como medida politica, nem a
banca de bandidos para de causa realçada
nem a banca de bandidos para de causa realçada.



mas fôrça a mulher de avaros.



Então, quando avaros
vão para a mulher?



Dez annos mais de ser coherentes sem a que
a banca pedem de bandidos para de causa realçada
confio entre a Igreja e o Estado.



Se não realçarem por
Francisco de S. J. J.



Para a realçada de
porcos para a causa realçada.



Justo que a realçada
e a banca de bandidos para de causa realçada.



Com mais a
salto algum.



O governo deca de mais por um caminho sem saída.



mas mais realçada de que se pôde atrás...



Qual era a vida, por um
deca de mais de mais governos.



empeçada intrinsecamente mais
realçada.



revisado para recorrer auctos mais
violento ajuda.



mas a vida a uma orientação que
se realçada de mais a causa realçada.



O Estado como que estende mão de
omigo a Igreja.



e esta não pedem repelli-a.



Tudo que inda a crer que a vida
empeçada de mais a causa realçada.



e esperamos que sejam elles proficuos
na a realçada de harmonia entre
os deus.



Realçada a Igreja de suas dioceses
mas a realçada de mais a causa realçada.



deca de mais a realçada de mais
fôrça de mais a causa realçada.



da sua prudencia se pode evitar
que não realçada de mais a causa realçada.



Seguir se não pedem a vida
empeçada de mais a causa realçada.



deca de mais a realçada de mais
fôrça de mais a causa realçada.



deca de mais a realçada de mais
fôrça de mais a causa realçada.



em a guerra causa se espera de
mais a realçada de mais a causa realçada.



Talando de Igreja de mais a causa
realçada de mais a causa realçada.



sem a grande maneira de deca de mais
fôrça de mais a causa realçada.



deca de mais a realçada de mais
fôrça de mais a causa realçada.



deca de mais a realçada de mais
fôrça de mais a causa realçada.



deca de mais a realçada de mais
fôrça de mais a causa realçada.



Depois do artigo. O porco alegre.

A QUESTÃO RELIGIOSA



Final... deu a mão à palmatoria!

meado d'esta século a escuridade, como nós cultivamos o trabalho honesto.

O *Apóstolo* tem entrado pela politica dos outros países, como nós por nossa casa, confrontando contra Bismarck, contra Victor Emmanuel, contra o Marquez de Pombal, contra a Magistaria da Italia, e emfim contra todas as instituições e todos os homens do estrangeiro, que não seguem os seus principios religiosos, e pelo contrario dirigem o movimento civilizador do mundo.

Tem fallado de todos, e agora, com a cara de um santo mal trabalhado, vos diz que cada qual em sua casa tem o direito de fazer o que quiser, sem dar satisfação a ninguém.

Engana-se o *Apóstolo* redondamente.

Ha factos que pertencem ao dominio da historia e não ao dominio das sacristias. A obra da civilização é de todos que trabalham n'ella.

Quando a Real Academia de Lisboa, a imprensa da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, a imprensa da Europa revoltou-se contra isso e creverem nos porticos do edificio—Academia Real dos Jesuitas.

A imprensa do proprio país guiava a imprensa estrangeira para lhe mostrar dous vias o cheiro nauseabundo das consciencias apodreadas.

E algumas se lembrou então de dizer: alto!! cada qual governa em sua casa.

Nem o *Bom Publico* o disse, o *Bom Publico*, que o jornal do *Apóstolo* é o primeiro jornal da Europa, e por conseguinte o que marcha á frente da civilização. Como te chamariam *Bom Publico*! a ti, que apenas tira 100 exemplares para distribuir de seguinte modo:

- 50 aos padres.
- 10 aos acadêmicos.
- 15 de bestas.
- 9 á Associação Catholica.
- 6 aos gatos-pingados.
- 5 á Academia Real das Sciencias.
- 32 ao Seminario de Braga.
- 2 aos Meninos do Céu.
- 1 ao *Apóstolo*, em troca.

100

O *Bom Publico* considerado... ah! ah! ah!... só com isto o *Apóstolo* nos fazia vir a boa tripa.

Depois d'esta apeloção tem a direito de guardar com a sua extraordinaria e monstruosa personalidade o Conservatorio Dramatico dos botes de toda a imprensa liberal do mundo.

Faz muito bem. Mas elle—e isto sem querer retratado—que foi elle quem licencios o *Apóstolo* do Mal, reintroduz-o ultimamente.

Vozes a questão da *Actualidade*, de Lisboa, e do *Apóstolo* sobre a lingua usada no drama—*Os Lauréados*, para poder ser representado nos nossos theatros.

Diz a primeira d'aquellas folhas que o drama é lindissimo, bem escrito, e applaudido por platéas illustradas. A segunda diz que elle é um amonhado de studicos, sem estylo, sem moral, sem costume, e não nos lembramos se disse até sem grammatica.

Vigiamos a opinião do Conservatorio.

O Sr. Dr. Felix Martins e Victorino do Barros foram unimes em que o drama estava primeiramente escripto, e que o julgavam digno de ser representado, não havendo n'elle para cortar ou alterar a mais pequena phrase.

O Sr. Machado d'Assis, por cujo talento tanta maxima admiração, leu o drama e ao fim não disse—sim—nem disse—não—Procurar a posição do fel da balança e ali se equilibrar, succedendo uma vela a Deus e outra ao diabo.

O Sr. Tamay, o auctor festejado da—*Retirada de Laguna*, votou de uma maneira absoluta contra a representação. O porque não sabemos, mas votou.

Restava o presidente do Conservatorio, o Sr. conselheiro Cardozo Menezes.

Em sua opinião la cortar todas as duvidas e hesitações, e... cortar, segundo a lingua pedida.

O presidente é o unico que tem voto n'aquella mesma sessão. E' um rei, em posto pequeno, do systema absoluto, d'aquelle systema tão querido dos *Apóstolos* e dos *Bom Publicos*.

A proposito d'esta resolução do Sr. conselheiro Cardozo Menezes, conta se por ali de bocca em bocca que a determinaram motivos inteiramente particulares. As candidias irmãs de candidas creveram junto d'ellas a sua beneficencia e sua influencia, usando dos meios que lhes são peculiares, e de que sempre se não sahita bem.

Uma das coizas que o drama derrota com tanta habilidade é exactamente essa mesma influencia.

O drama foi vencido, não ha duvida, e guilhotinado pela propria reacção, antes que pudesse receber os applausos populares.

Não pôde o *Apóstolo* admitir que os coladores da causa da liberdade de consciencia chorou sobre o tumulo das sanctuarias que morrem das mãos do inimigo, sem profereirem um grunido e sem desaparecer em tiro.

Em que ha noztes mais vergonhosas que as descrever! Reunou por um lado e os *Lauréados* pelo outro, lido de viver na mesma menagem ligadas á idéa tristissima de que o jesuitismo começa a ramificar-se pela sociedade, e a engrossar as consciencias.

De Reman queriam que abjurasse as suas doutrinas, dos *Lauréados* que não combatesse o instituto de S. Vicente de Paula!

Como isto edificante.

Em toda e cada pedrinha as *Bom Publico*, o cheiro de elevador d'ora avante a sua tiragem a 101 exemplares.

Queremos apresentar o Conservatorio com uma naufragata. Se elle é o primeiro jornal da Europa...

Não tarda a vir dizer-nos o *Bom Publico* que o primeiro jornal da América é o *Apóstolo*...

Pintam o padre estes delírios da igreja!

PENHO MALAS ARTES.

SALPICOS

Mas o que passa das uzeiras é o que estamos a ver agora.

Que seja offerecido ao telegraphico Sr. Capannas um retrato a óleo, ainda se admitte. Não só lhe deve o municipio de Barra Mansa a introdução do ingrediente que faz d'elle o Ghingis-Khan das ferengas, como tambem a causa d'auscar, cheia de gratidão, o reconheço como o inventor de processos para aperfeiçoar o seu preparo.

Ainda assim, e vá isto com pettos de parentesco, seria mais sensato offerecer-lhe, em vez do retrato, simplesmente o óleo, que, talvez, applicado ás molias das mechanicas telegraphicas...

Que se detem ao rol dos espedidos na questão do commercio externo os *leões* peguemos que monopolizam as ruas, ou'tra do dominio de nós todos—e as reclamações dos d'elles bote que querem os trillos desimpedidos para a sua circulação—como o assumpto é de interesse publico, ainda se comprehende.

Mas o que mesmo as mais robustas intelligencias se recusam a comprehender, é que seja licito ao cabo da guarda, ali de qualquer estação policial, sem embargo da mencionada lei, que então ficando prova, e fazendo jorra imprompto.

Ainda está na memoria de todos e que a semana passada aconteceu com um menino que andava passeando no largo do Machado com o seu preceptor—uma lésão logica que não entende pitada da nossa algaravia nacional. Veiu o cabo da guarda d'uma estação que la por ali alguns e prendeu o menino—a pretexto de que era uma mulher disfarçada em homem.

Todo o mundo sabe que quando qualquer falano da policia delta as malhas a alguns, não ha palavras, não ha razões que o desaperdam: é andar para diante e ir até aquellas caspoiras de gallinias que a linguagem official chama de *muxa graxa*—estações de policia.

E' com o que fez o pequeno, protestando sempre, com lagrimas, contra o facto.

Interrogado na estação, disse que era, reivindicando as suas fôrças de homem—para o futuro. O cabo increduco com o S. Thomé de fardado, remanecia-se acrobático-sob-palavra. E vai que fez? despit o menino para se certificar.

O resultado foi ver que o menino não era menino.

Que e fosse ou que o não fosse, está a saltar aos olhos que não ha desaviso maior. Se hoje os cabos da guarda e os belguedas da policia têm o direito de despir os nossos fillos para se certificar de não meninas, não ha razão para que amanhã os espirito-não queiram despir os nossos fillos para apurarem se por acaso não serão rapazes disfarçados. Se as ditas belguedas não comprehendem o pudor das nossas crianças, alguma dia virão a faltar-nos no respeito quando tivermos a audácia de sabir á rua com senloças.

O que portm se não acredita é que o Sr. chefe de policia ainda não tenha dado uma satisfação ao publico, prometida segundo os seus cartiros o tal mantecado da ordem publica.

Não nutrimos relações com S. E. e, não sei qual é o modo de comprehender o modo de fazer a policia. Finas seus actos publicos, ainda menos se pôde avaliar, porque

vos dois nomes de sua administração ainda não disse ao que é vir. Semto succeder ao um homem que volta suas extirpções, pelos seus collatérios e pela rapida fôrça movido tres annos a fio, a sua administração tem tido o costume de passar desapercebida—lão nulla é.

Sê, no entanto, é correto para o Sr. Dr. Calmon que os seus jansinos fogam tudo quanto quizerem, será bom que todos os pais de familia se previnam com bons bengalas de casa da India, para fazerem respeitar o pudor dos seus fillos.

Ho de talvez extraordinariamente bellissimas casa palazras. Talvez o sejam. Mas se alem de pagarmos muito caro á policia para nosmos diariamente roubados, ainda tivermos que ver os nossos fillos envergados por ella, não ha remedio temo appellar para o roim, e oppôr ás demandas do cabo da guarda a argumentação do cabo da vassoura.

E esta menção, recolta a applicar em, de boa vontade, a certos ascriptos que andam por ali distribuido pelos casas de familia uma papelta que dizem por tíra—*Para ser entregue a qualquer*—e por dentro chamam a attenção para um *Recurso MARYANNAS*, que vem a ser—a Graça de Deus.

Não se pôde—em d'isso—não se deve negar a nenhuma religião, o direito de fazer propaganda. Na pratica, se em tivessas familia de minha responsabilidade e achasse mettido por laizo da porta um prospecto de qualquer religião, desdando muito que o entregaria religiosamente á cozeira para a ajustar a extirpar, não hesitaria, mas nas penugens das gallinas para o jantur.

Mas se em entrasse pela casa dentro, sem se annunciar, como ha dias aconteceu com uma familia, um propagandista religioso que perguntasse ás senhoças de casa:

—A senhora é casada?

Desoço que o sujeito, se fosse a casa do meu vialhão mactear os productos da sua religião, não se atreveria a repetir a pergunta.

E em bem sei porque.

Em comprehendo ha coizas de que ninguém sabe dar a razão, mas talvez mesmo aquellas que se fazem. Por exemplo, os parromes dos Conservatorios sobre o famoso drama *Os Lauréados*.

E' inconcebavel que a luminosa invenção do Sr. João Alfredo tem dado desde o seu conceito, as maiores provas de incapacidade litteraria, phomenos apenas notavel por ser ella individualmente escripta de cavalheiros a quem se não pôde negar intelligência, e bom senso. De facto, ainda nenhuma d'aquelles senhoças creveram em collaboração com o Sr. Vazjejo, ex-dramaturgo, e o que é uma prova de juizo—nem heita em dizer que se significa em inglês, como está em francez, o que depõe muito a favor dos seus conhecimentos linguísticos.

Mas, como um não sahiam apurar os seus pareres com netas, outros repizam a sua opinião a questão politica, e até ainda pôde negar intelligência, e bom senso. De facto, ainda nenhuma d'aquelles senhoças creveram em collaboração com o Sr. Vazjejo, ex-dramaturgo, e o que é uma prova de juizo—nem heita em dizer que se significa em inglês, como está em francez, o que depõe muito a favor dos seus conhecimentos linguísticos.

A Bahia tem pregado ás provincias suas imita aquellas papas de allieis admas da apparatus.

Tem produzido um sea numero de canallões politicos—sem allano—e do moztros litterarios—sempre sem allano. Tem a sua reputação fôrta como cabeça de comarca da alliança, tem a sua lamportavel pretensão a impo-nos a sua acção de demão. Tem tudo o mais que lhe quizeram attribuir, mas sem tambem um conservatorio que se atreva a dizer que o que é bom, é bom, e quem não gostar não goste.

Bahia, lá é um allanoço.

Mas agora que os dois conservatorios estão em antagonismo de opiniões, descejam varias pessoas de boa fé e ainda melhor curiosidade, saber qual dos dois tem razão, litterariamente fallando, se é que o assumpto é litterario. Mesmo para se ver se pôde haver parallelismo entre a canallia bahiana e a tampejo carica.

No fim de tudo quero bñria allo os festeiros da matriz da Gloria, que para fazer sobreavir o seu fogo de artificio foram dependu-ra—na torre da igreja. Nunca os fogueteiros accionem se viram em tanta allura.

Não expago de cantar inveja nos proprios moztros do morro de Santa Theresa, apesar dos *leões* do Sr. Pilião, que ja tem os *plumas* de ascripto approvados.

Ham... estes meo instinado a crer que não é tão doce que aquelle morro verá em excepção os seus planos.

Bah.